

ROLÂNDIA DE PRÍNCIPES, JUDEUS E NAZISTAS: UMA FACETA DA OBRA O  
TROVADOR, DE RODRIGO GARCIA LOPES

ROLÂNDIA OF PRINCES, JEWS AND NAZIS: A FACET OF THE WORK  
TO TROVADOR, BY RODRIGO GARCIA LOPES

Marilu Martens Oliveira \*

“Uns cometem crimes carregando uma cruz, outros uma coroa, outros uma suástica [...]” (LOPES, 2014, p. 356).

“Some commit crimes carrying a cross, others a crown, others a swastika [...]” (LOPES, 2014, p. 356).

**RESUMO:** Hodiernamente há um grande debate sobre a aproximação entre a história e a ficção, em função do *novo historicismo*, que se voltou à retomada dos estudos literários, e da *nova história cultural*, que se interessa pela linguagem. Pretendeu-se, assim, realizar a leitura de um romance histórico – **O trovador**, de Rodrigo Garcia Lopes (2014) –, obra metaficcional, que dialoga com textos da história, abordando a colonização do norte do Paraná e a vinda de alemães (judeus e simpatizantes do nazismo). Buscou-se, deste modo, contribuir para uma melhor compreensão dos acontecimentos. Das cidades nominadas pelo escritor londrinense, optou-se por Rolândia pelo viés escolhido: nela a presença germânica. Metodologicamente, foi realizado levantamento bibliográfico e análise comparativa de referenciais teóricos calcados, principalmente, em Samoyault, Esteves, Hutcheon, Mainka, Groh, Haag, Castilho, Soares e Tomazi. Concluiu-se que literatura e história caminham *pari passu*, sendo que a ficção não é mero instrumento auxiliar na apreensão e no registro de fatos passados, porque ao dessacralizar o discurso hegemônico, conduz à divergência e à reflexão sobre o ocorrido e também sobre o futuro, caso de **O trovador**.

**ABSTRACT:** There is a big debate in contemporary times about the rapprochement between history and fiction, due to the new historicism, which has turned to the resumption of the literary studies and of the new cultural history, which is interested in language. Therefore, it was intended, to perform the reading of a historical romance – **The trovador**, of Rodrigo Garcia Lopes (2014) –, metafictional work, that dialogues with history texts, approaching the colonization of the Northern Parana and the arrival of Germans (Jewish people and Nazism’s sympathizers). So, in this manner, it was sought to contribute to a better comprehension of the events. From the cities

---

\* Professora titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), lecionando na graduação (UTFPR Cornélio Procópio) e no mestrado profissional em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza (UTFPR Londrina). Professora aposentada – Literaturas portuguesa e brasileira – da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Com doutorado e mestrado em Letras (Literatura), respectivamente pela UNESP e pela UEL. É líder do GP EDITEC e membro do GP CRELIT. Desenvolve pesquisas nas áreas de interartes, história/literatura/memória, literatura e ensino, literatura, leitura e formação do leitor. E-mail: yumartens@hotmail.com

nominated by the *londrinense* writer, *Rolandia* was preferred because of the chosen bias: in it, the Germanic presence. Methodologically, the bibliographic survey and comparative analysis of theoretical references were shaped, mainly, in Samoyault, Esteves, Hutcheon, Mainka, Groh, Haag, Castilho, Soares and Tomazi. It was concluded that literature and history go *pari passu*, once the fiction is not a mere auxiliary instrument in apprehension and register of past facts, because the desecration of the hegemonic discourse leads to the divergence and reflection about the occurred and also about the future, *The Trovador's* case.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rodrigo Garcia Lopes. Rolândia. Nazistas. Judeus alemães. Romance histórico.

**KEYWORDS:** Rodrigo Garcia Lopes. Rolândia. Nazis. German jews. Historical novel.

### **1 INTRODUÇÃO: História e Literatura, duas faces da mesma moeda?**

Sabe-se que a história busca o discurso verdadeiro. Entretanto tanto ela quanto a literatura constroem discursos, para representar a realidade. Face às novas teorias sobre o leitor e sua recepção do texto (remetendo à estética da recepção), ele também é um coautor, quando se pensa em sua bagagem, em suas leituras. Há que se considerar, ainda, o texto e seu produtor. Portanto, essa busca da verdade não é tão simples, como se imagina em um primeiro momento, até porque os fatos históricos são narrados e filtrados por um olhar, que é subjetivo, também obra de um discurso criador, ainda que muitos historiadores apresentem como elemento diferenciador o uso de documentos, pela história. Cabe então a indagação: e **Calabar- o elogio da traição**, peça teatral escrita por Chico Buarque de Hollanda e Ruy Guerra, e **O nome da rosa**, romance histórico de Umberto Eco, obras nas quais há a apropriação literal de fragmentos de documentos históricos, apesar das licenças poéticas? Não estariam, indiretamente, registrando aspectos da história? Tais colocações, instigantes, conduziram à opção pelo romance histórico, pois uma das suas características é ser uma releitura ficcional de fatos da história, estabelecendo um diálogo com outras obras, levando o leitor a um labirinto pleno de nuances e de possíveis descobertas, envolvendo apropriações, estilizações, paródias e paráfrases (ESTEVES, 2010; SANTA´ANNA, 2003).

Também Tiphaine Samoyault (2008, p. 123), refletindo sobre diálogos possíveis, na obra **A intertextualidade** coloca que “o universo é uma biblioteca” ligada à literatura, com a qual “mantém uma relação de repetição”, como se fosse “um filtro

entre o texto e o mundo”. Assim, quando escreve, de forma consciente ou inconsciente, o autor utiliza sua biblioteca, seu repertório de leitura. Há, portanto, uma poética dos textos em movimento, que se apresentam em convergência ou divergência, permitindo-se, além de um desvendamento da própria escritura e do passado, uma leitura às avessas da história oficial. (SAMOYAULT, 2008, p. 129).

Conforme Hutcheon (1991, p. 147): “reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico”. A respeito desse tipo de narrativa, teorizam ainda, entre outros, estudiosos como Fredric Jameson, Seymour Menton, Marilene Weinhardt e Antonio R. Esteves, assinalando a problematização da representação do que aconteceu, posto que há diferentes perspectivas e também diferentes formas de recontar o ocorrido, recorrendo-se à mescla, inclusive, de diferentes gêneros artísticos.

Deste modo, **O trovador** inscreve-se como romance histórico, pois parte da própria literatura e sua história – tudo começa com a *Cantiga 13*, do bardo provençal Arnaut Daniel (LOPES, 2014, p. 7, p. 22-24, p. 213-219, p. 232-236, p. 324-326, p. 342-346) – caracterizando-se, em especial, pela metaficcionalidade, além de evocar fatos reais ocorridos no solo roxo do Paraná, desconstruindo-os via paródia.

Somente após tais considerações, é que será colocado o objetivo deste artigo: verificar o diálogo entre uma obra literária, um romance histórico – seguindo as trilhas indicadas por Esteves (2010) –, e outros textos, ficcionais ou não, pondo em xeque e divulgando, de forma mais aprazível, fatos acontecidos. Para tanto, o fulcro será a presença de alemães (judeus e nazistas), principalmente na cidade de Rolândia, e as razões de suas vindas no norte do Paraná.

Logo, ao eleger para estudo o romance de Rodrigo Garcia Lopes (2014), londrinense, autor multimídia, membro da academia (professor doutor), escritor, músico/compositor e cineasta premiado, que mostra a presença de simpatizantes nazistas na cidadezinha paranaense, *a terra de hospedagem (Gastland)*, certas lembranças (estocadas em nossa “biblioteca mental”) afluíram, mormente leituras de Primo Levi, Zygmunt Bauman, Anne Frank e Hannah Arendt, influenciando a escolha do recorte realizado. Bem como algumas imagens/pensamentos concretizaram-se no livro do paranaense, ainda que alguns só referidos, como no que concerne aos *Lager*, campos de concentração e extermínio (lembrando que Dachau, na Alemanha, foi o

primeiro e modelo para os demais; e Auschwitz-Birkenau, na Polônia, o maior e pior), os quais fizeram parte da “solução final”. Exemplificando, Sarah, personagem judia que morava em Rolândia, argumenta que se calou sobre o que viu no seu país de origem, com medo de represália: “Nossos parentes na Alemanha serão enviados para Dachau”. (LOPES, 2014, p. 356). Também o erudito prof. Levy, manifesta-se a respeito: “Sabe o que poderiam fazer comigo [...] ou com meus parentes na Alemanha? Já ouviu falar dos campos de concentração: é demoníaco, senhor Blake, demoníaco...”. (LOPES, 2014, p. 352). E sobre os fatos que influenciaram a diáspora para Rolândia:

Desde as malditas Leis de Nuremberg no ano passado os judeus viraram cidadãos de terceira classe. Não só judeus, mas comunistas, artistas, intelectuais, políticos...Por pouco eu mesmo não fui enviado a um KZ. [...] Konzentration kamp. Tenho amigos que foram enviados para Dachau, um campo que está funcionando há três anos, perto de Munique. Outros foram para Sachsenhausen. (LOPES, 2014, p. 340).

Destacam-se portanto, no contexto da obra, eventos históricos como o nacional-socialismo, a ascensão de Hitler ao poder, suas leis antissemitas e seus representantes em terra brasileira, inclusive a presença do Banco Alemão Transatlântico, com filiais laborando de 1911 a 1942 (quando foi fechado) no Rio, em S. Paulo, em Santos e em Curitiba, voltando a ter representação a partir de 1955, funcionando como intermediário de Otto Braun em operações fraudulentas (DEUTSCHE BANK, 2018; HAAG, 2007, p. 4; LOPES, 2014, p. 94, p. 289, p. 357-359, p. 397); o nazismo e a impiedosa SS – *Schutzstaffel*, Tropa de Proteção – (LOPES, 2014, p. 354); a simpatia do governo Vargas para com os países integrantes do Eixo – também citados na obra de Lopes (2014, p. 340, p. 356, p. 358-359). Em suma, tudo aquilo que provocou a vinda de tantos germânicos para o Brasil: uns temerosos, fugindo da perseguição nazista, caso daqueles de ascendência judaica (LOPES, 2014, p. 203); outros, depois, também temerosos, fugindo da *justiça* dos Aliados, os arianos puros, cujo maior modelo é Joseph Mengele, conhecido como o *anjo da morte*, devido às terríveis experiências médicas realizadas nos campos de concentração, e que morou nos estados do Paraná e de São Paulo, morrendo afogado em Bertioga.

## 2 Encontrando no Brasil e na Inglaterra: o rapsodo misterioso

E o texto de Lopes, romance histórico e detetivesco, tem como nó da intriga um crime passionai, cometido pelo primeiro médico londrinense – o alemão Kurt-Peter Müller, diretor do pequeno Hospital da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) – que, após matar o compatriota Julio, amante de sua esposa Magdalene, foge do Brasil, por volta de 1935, e vai lutar como oficial nazista, integrando a SS. (SS BRIG FHR, 2017; LOPES, 2014, p. 25-27, p. 47-49, p. 79-84, p. 91-95, p. 103, p. 145, p. 184-185). No romance, o episódio ocorre de outra forma: o casal teutônico está desaparecido. Foi o médico também quem intermediou os primeiros contatos, visando à formação de um núcleo nazista na região (concretizado em Rolândia: 28 de novembro de 1935), com o representante da *Auslandsorganisation der NSDAP* (Organização do Partido Nazista para o Exterior), o adido cultural da embaixada alemã em S. Paulo, Hans Henning von Cossel, chefe do partido Nacional-Socialista no país, e com o dirigente do *Kyffhäuserbund* (União de Kyffhäuser<sup>2</sup> – que se dedicava a cultivar as tradições militares), Richard von Hardt. (HAAG, 2007, p. 2; MAINKA, 2009, p. 1166; LOPES, 2014, p. 284, p. 289, p. 328-329, p. 332, p. 358).

Como o casal Müller, outros funcionários e mesmo diretores/proprietários da CTNP farão parte da trama imaginada por Lopes, por volta de 1936, numa cidade pluricultural, a “pequena Londres”, para a qual virá um tradutor, Adam Blake, a convite de Lord Lovat. O príncipe e futuro rei inglês Edward (que não chegou a ser coroado, renunciando ao trono por amor a uma americana divorciada, segundo a versão corrente), com interesses financeiros na região e aproximação com o nazismo, recebeu um misterioso bilhete, dele constando uma cantiga de amor, provençal, o que incomoda até o ministro Winston Churchill. Por quê? Assim, em um aparente “samba do crioulo doido”, pessoas/personagens de diferentes nacionalidades e profissões participam do enredo enigmático. O painel de fundo é a colonização do norte do Paraná pelos ingleses (CTNP), crimes misteriosos, transferências de recursos para a Alemanha hitleriana, madeira de lei sendo exportada, alemães (judeus e nazistas) acercando-se, assim como trabalhadores de diferentes nacionalidades. E Lopes (2014, p. 47) reproduz a chegada da jardineira, em Londrina, com a diversidade de raças: “Colonos italianos, japoneses, alemães brasileiros e espanhóis, começaram a se aglomerar, numa grande confusão, entre galinhas, gaiolas com pássaros e outros animais silvestres”.

Sobre essa *mélange* entre realidade e fantasia, Esteves (2010) assevera que no novo romance histórico do Brasil há um diálogo bastante produtivo entre literatura e história. Mas o que caracterizaria, então, essa produção literária? Responde Esteves (2010, p. 65-69), afirmando que a receita de sucesso “ação e tempo distante e muita aventura” é bastante sedutora e assim acontece n’**O trovador** (século XX, primeiras décadas; Paraná/BR, Inglaterra, Alemanha; nobres e plebeus, bandidos e mocinhos, judeus e nazistas, furtos, desvios, roubos e assassinatos). Acrescenta algumas marcas presentes nesse tipo de narrativa, como a crítica de acontecimentos históricos, questionando-se a história oficial (foi colonização ou foi exploração, o acontecido na região de Londrina? O príncipe inglês e sua amada eram mesmo pró-nazis?); a alternância do foco narrativo; o tempo e o espaço como categorias que não mais seguem o convencional (Lopes cita a casa da Jô, bastante conhecida nas décadas de 1960-1970, ao comentar os prostíbulos; a culminância da visita dos príncipes ingleses, com o arco de *Welcome*, que aconteceu em Cornélio Procópio, não em Londrina, pois os nobres britânicos não foram até a cidade afilhada); bem como a reinterpretação de fatos históricos (a renúncia de Edward ao trono inglês não porque estava apaixonado pela divorciada americana e a casa real era contra, mas devido às suas relações com os nazistas e a Alemanha, potencial inimiga dos ingleses na guerra que se renunciava, sendo acusado de alta traição, além das distensões internas no embate pelo poder); com inversões, sobreposições, pessoas interagindo com personagens ficcionais (Hitler, Vargas, Levy, Lovat, Wallis Simpson e o Príncipe de Gales na mesma narrativa que Blake, Miranda, Max, Araújo, Regina e Ubirajara). Essa é a riqueza do romance histórico, pós-moderno, o qual labirinticamente envolve o leitor que fica perdido, entre a representação e a realidade.

Assinala também, o pesquisador unespiano, o uso da metalinguagem (a cantiga medieval – que impulsiona a ação – e sua feitura: elaboração e polêmicas a respeito das diversas traduções, tendo o professor Levy, judeu alemão, estudioso do tema e personagem verdadeira, como fulcro de tais fatos) e da intertextualidade (diálogo com textos históricos e ficcionais: obras de Levy e de Arnaut Daniel, diário do topógrafo francês Surjus, livros de Conan Doyle, tese de Tomazi, entre outros), a qual abusa da carnavalização, do pastiche e da paródia (caso do aspecto policial desta narrativa, com clara alusão às duplas detetivescas famosas). Esteves aponta ainda para questões da pós-modernidade: o simulacro (diluiu-se a linha tênue que separava

o real do irreal, o original da cópia, a verdade da mentira, conforme se verifica na obra *corpus* enfocada); a solidão do homem fragmentário (Blake, Regina); a perda ou busca da identidade, que é construção social e, sobremaneira, coletiva (que ocorre com os paranaenses pés vermelhos); a desconstrução de paradigmas (ingleses não mais figuras modelares, incorruptíveis).

Em suma, **O trovador** trata da colonização do norte do estado, com ênfase nas cidades de Londrina (principalmente) e de Rolândia, que ficam a uma distância aproximada de 25 km. Neste texto, a priorização por Rolândia explica-se tendo em vista o recorte escolhido: a forte presença alemã na cidade. E para tanto, metodologicamente optou-se pela realização de um levantamento de caráter bibliográfico e de uma análise comparativa do romance e de referenciais teóricos e ficcionais, abrangendo diferentes visões sobre o tema.

### 3 Rolândia, cidade dos príncipes e dos aventureiros

Devido ao que Tomazi (1997) chama de algo criado como “discurso Norte do Paraná” ou “fantasmagorias”, a região seria uma nova Canaã, um Eldorado, uma nova Califórnia, a Terra Prometida, a terra de paz e acolhimento, o que também ficcionalmente registra Lopes. (2014, p. 35, p. 47, p. 56-57). Contrapontisticamente, Lord Lovat, em discurso ambíguo (tanto pode estar brincando sobre a “marcha para o oeste”, a exemplo da ocorrida nos EUA, como se referindo à violência reinante), indaga, em conversa com Blake: “- Não era você que queria tanto conhecer o *Far West?*” (LOPES, 2014, p. 36). Logo, Rolândia, como outras cidades da região, atraiu muita gente: trabalhadores e malandros, nacionais e estrangeiros, um mundo pluricultural, uma verdadeira Babel linguística, muito em função de panfletos utópicos editados pela *colonizadora* inglesa CTNP (distribuídos no Brasil e no exterior) e reportagens publicadas no seu jornal, o *Paraná-Norte*, editado de 1934 a 1953, que apontava as vantagens da região, aproximando-a de um paraíso terreal, tornando-se quase um *slogan*: “O melhor rumo, o melhor futuro é colocar-se no Norte do Paraná”. Presentes imagens de solo fértil, muita água, vegetação luxuriante, região pacífica, local para se ganhar rios de dinheiro, que também aparecem no livro de Lopes (2014, p. 295), de forma irônica e paródica, e nos de outros pesquisadores, que realizam uma crítica acerba ao que se difundiu sobre os benefícios advindos da obra colonizadora inglesa.

*O discurso dominante, apoiado na chamada ética aquisitiva (THOMPSON, 2001), substituiu o conceito exploração para colonização, desta forma, amenizou o impacto com o qual se justificava tais investimentos.*

Se num primeiro momento as companhias incorporadoras no norte paranaense optaram por desmembramentos menores das terras, não foi objetivando nenhuma reforma agrária ou justificativa que pudesse ser dada por palavras ligadas a justiça e igualdade foram meramente para justificar investimentos do Estado nesta região, pois se a mesma apresentasse índices adequados de povoamento, o Estado poderia investir na construção de rodovias, de infraestrutura e entrepostos que colaborariam para o escoamento da produção agrícola dos grandes produtores. (AZEVEDO; BARBOSA, 2013, p. 27, grifos nossos).

Também Bortolotti (2007, p. 61) aponta os reais desígnios dos proprietários da CTNP: a construção da ferrovia, a divisão da terra em “pequenos lotes rurais e a implantação de núcleos urbanos de apoio equidistantes uns aos outros, para abastecimento e prestação de serviços.” Por conseguinte, muitos – migrantes e imigrantes – vieram iludidos para o Eldorado paranaense, para as cidades-jardins idealizadas pelos britânicos, imaginando que aqui a vida seria fácil. Não sabiam da mata a ser derrubada com machado, das estradas a serem abertas, das casas construídas com palmito, da ausência de escolas e hospitais, enfim, da carência total de quase tudo, até mesmo de comida. Hertha Levy, pioneira, comenta sua impressão sobre Rolândia:

Quando cheguei, na parte de cima, na estrada, só via mata, e no meio, uma pequena clareira com uma casinha, duas vacas e um pouco de grama. Eu estava feliz e pensava: 'Isto agora será meu. [...]'. Eu tinha uma paixão pelas florestas, ainda em casa, e nunca tive medo de mata virgem. Mas eu não sabia que não dava para entrar na mata. Foi uma decepção. Não dava por causa dos espinhos e das formigas. Assim foi meu começo. (FISCHER, 2005, p. 40-41 apud PINCELLI, 2013, p.17).

E sua exposição aproxima-se das imagens que estão n' **O trovador**, embora estas pareçam mostrar um tempo um pouco posterior, menos selvagem, pois os meios de locomoção já não eram tão precários:

Na manhã seguinte, depois de uma hora até Rolândia, passando por vastas plantações de café, em branca floração, nuvens de borboletas e matas recém-derrubadas, o trem se aproximou da estação acanhada da cidade. (LOPES, 2014, p. 237).

[...] Rolândia era um punhado de casas rodeadas de sítios, fazendas e fragmentos de mata nativa. Em dias quentes e secos como aquele, as nuvens de poeira que automóveis e charretes levantavam conferiam à rua principal da cidade o tom sépia das fotografias antigas. (LOPES, 2014, p. 238-9).



Ainda outras estudiosas assinalam problemas criados pela CTNP e pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que a substituiu:

No entanto, analisando informações quanto ao processo colonizador realizado, encontra-se uma série de questões e pontos negativos a serem avaliados, tanto sociais quanto ambientais, como por exemplo, conflitos entre nativos e “capangas” das empresas colonizadoras, grilagem de terras, exploração do trabalho e lucros exorbitantes com a venda das terras pelas companhias colonizadoras. No que se refere às questões ambientais se pode citar a dizimação da floresta, a prática de queimadas prejudicando, sobretudo, o solo, a contaminação da água e do solo [...]. (CHIES; YOKOO, 2012, p. 2).

Em função de tais fatos, muitas das dificuldades posteriores relacionadas à terra, no estado das araucárias, e de seu conservadorismo são ainda herança do ocorrido, conforme as pesquisadoras supracitadas. No romance em pauta, tais fatos são mostrados nos atentados sofridos por Blake (na floresta que começa a ser queimada e tem suas árvores derrubadas), Lorinda, padre Braun e outras personagens, que morrem, à exceção do tradutor escocês, quando ficam nítidas a violência e a presença de pistoleiros na região.

Mas, retornando à cidade focalizada, ela teve seu nome dado em homenagem a um herói alemão, Roland, sobrinho do rei Carlos Magno (que deu origem à dinastia Carolíngia), e que na Idade Média guerreava ao lado de seu tio, tendo como lema lutar pela “Liberdade e Justiça” (PREFEITURA DE ROLÂNDIA, 2017). Complementa Mainka (2009, p.1161), citando Breuning (1983), que na Alemanha há várias estátuas de pedra, simbolizando “privilégios dados pelo rei às cidades quanto ao mercado e comércio assim como quanto à paz e justiça [...]”. E a Rolândia paranaense também tem a sua. Posteriormente, durante o período da guerra entre os Aliados e o Eixo (Alemanha, Japão e Itália), como outras cidades brasileiras com nomes de origem germânica (Nova Danzig/Dantzig virou Cambé), Caviúna substituiu Rolândia, que só foi restabelecido em 1947.

Seu início data de 29 de junho de 1934, quando foi edificado o *Hotel Rolândia*, primeira construção no perímetro urbano. E então foram chegando pessoas de diferentes etnias: japoneses, espanhóis, portugueses, húngaros, suíços, italianos, austríacos, tchecos, entre outros, com predominância de alemães, conforme também retratado n’**O trovador**.

A pouco menos de 2 metros de Blake, sob uma nuvem de insetos, um *homem alto, loiro e corpulento* se apresentava como *agente de terras da Paraná Plantations em Rolândia*, para um pequeno grupo de colonos que acabava de chegar da Alemanha. [...] estavam sendo encaminhados para um lugar chamado *Schwabental*, a região leste da jovem cidade. [...]. Blake olhou para o outro lado da rua e viu alguns passageiros se dirigindo para uma construção de madeira que trazia o nome HOTEL ROLÂNDIA na fachada, escrito em letras góticas. Na saída [...] um jovem de *feições orientais* tentava se entender [...], sem sucesso. Blake se aproximou e se dirigiu ao homem, cumprimentando-o em *japonês*. (LOPES, 2017, p. 238, grifos nossos).

O homem loiro referido remete a Oswald Nixdorf, de origem alemã e responsável pela acolhida a seus compatriotas. (SOARES apud OGAWA, 2015). Evidencia-se, deste modo, a Babel das etnias. A seguir, na mesma página, o *oriental* afirma desejar ir ao sítio dos *Sasano*, quando recebe a informação que o “*Turco* ali faz frete”. E que teria que ficar na fila, pois um piano seria levado “até a fazenda dos *alemães*.” Blake, o tradutor-detetive escocês, que se dirigia ao local em que moravam os *alemães-judeus* Prof. Emil Levy e sua sobrinha Sarah, passa pelo clube Concórdia, observa hasteadas as bandeira do Brasil e da Alemanha, uma escola e duas pequenas fábricas. “Com exceção da praça, diante da estação de trem, com seus pinheiros, figueiras e palmeiras, quase não havia árvore na jovem cidade recortada pela floresta.” (LOPES, 2014, p. 239, p. 288). Assim, o espaço descrito pelo autor londrinense é aquele que aparece no intertexto oficial (PREFEITURA DE ROLÂNDIA, 2017): a pequena cidade, a mata, a multiplicidade de raças, a escola alemã, o hotel e o clube.

#### 4 Em Rolândia, alemães e alemães

N’O *trovador* (LOPES, 2014), Rolândia destaca-se porque a trama está centrada praticamente em ingleses e alemães, e as relações comerciais que mantinham, sendo ela considerada a cidade mais germânica do norte do Estado. Esclareça-se, então, que *germanidade* (*Deutschum*,) pode ser vista como a condição daquele que é germano (alemão), bem como a admiração votada a tudo aquilo que se origina da Alemanha e ao que caracteriza o povo alemão. Deveriam, os germano, ainda se abster de usar a língua local e de se misturar com *estrangeiros*. (DIETRICH apud HAAG, 2007).

E buscando mostrar esse aspecto, o escritor londrinense realizou uma investigação de fôlego sobre a história mundial (Estado Novo, Segunda Guerra mundial, nazismo, fascismo, franquismo, imperialismo inglês), a cartografia física, humana, econômica e cultural do período retratado, visto que as ações acontecem no Brasil e na Europa. Observe-se que cenários históricos bem desenvolvidos impulsionam acontecimentos e conflitos, em uma narrativa, além de despertar o interesse pelo passado, como as obras de Umberto Eco, Laurentino Gomes e de Mary Del Priore, verdadeiros *best-sellers*. Mas como alemães-judeus e alemães-nazistas vieram parar na terra roxa?

Para Mainka (2009), fatores econômicos e políticos, dentre eles problemas decorrentes da Primeira Grande Guerra, ascensão do nacional-socialismo, desemprego, insucesso de uma alternativa interna de colonização (filhos mais jovens não tinham terra para trabalhar) levaram à emigração de muitos alemães, nas décadas de 1920 e 1930. Havia, então, um órgão *Gesellschaft für wirtschaftliche Studien in Übersee* (Sociedade para Estudos Econômicos no Ultramar) – GWS – que promovia a colonização alemã na Argentina e no Brasil. Assim sendo, em 1932, a GWS fechou a compra de 10 alqueires de terra com a *Paraná Plantations Syndicate*, em Londres, ficando Oswald Nixdorf (1902-1982) encarregado de receber e orientar seus compatriotas em solo brasileiro. (GROH, 2009, p. 224). Gleba Colônia Roland foi a denominação dada ao assentamento no campo, e Rolândia ao núcleo urbano, neles aportando teuto-brasileiros do sul do Brasil, alemães, austríacos, suíços e alemães do Volga, estes vivendo na Rússia, de acordo com Mainka (2009, p. 1162).

A vinda de pessoas contrárias ao nacional-socialismo intensificou-se, com as perseguições nazistas (1935/1936), principalmente aquelas de origem judaica, instruídas e endinheiradas: advogados, juristas, agrônomos, professores, médicos, entre outros, que tinham que se comprometer a trabalhar na lavoura. Também figuras de destaque na política alemã, como Erick-Koch Weser, que foi ministro da Justiça e deputado do Partido Democrático, e Johannes Schauff, deputado do Partido Zentrum, chegaram em 1933. (MAINKA, 2009, p. 1163; GROH, 2009, p. 225; PREFEITURA DE ROLÂNDIA, 2017, DIETRICH, 2007). E Lopes dialoga com esses autores, pois “peculiaridades, como a presença de figuras eminentes, a fertilidade das terras, os costumes germânicos” atraíam a atenção tanto da imprensa quanto dos prováveis imigrantes (CASTILHO, 2010, p. 38). É ainda Castilho (2010, p. 88) que ressalta que

muitos dos que vieram para a terra roxa foram motivados “por perseguições políticas, ‘raciais’ e religiosas.” Isso é confirmado pelo fotógrafo e jornalista Giuseppe Giuliani (inspirado no verdadeiro José Juliani, “o colono-fotógrafo”), que se dizia perseguido na Itália fascista por organizar sindicatos, no *O Trovador* (LOPES, 2014, p. 271). E é ainda pelo seu inflamado discurso que no romance são mostrados fatos reais, no mínimo *estranhos*, como o fato de um diretor da CTNP ser o prefeito de Londrina – conflito de interesses; a camuflagem de agitações (violência, grandes negócios, expulsão e morte de posseiros e índios); a venda de um pedaço do Brasil (quase 20% do Paraná, ou seja, “1.316.500 hectares de mata virgem”); o interesse dos ingleses não só na terra, mas também na madeira de lei exportada; a divisão em pequenos lotes fundiários, o que facilitaria o desmatamento e a continuidade do uso e da expansão da estrada de ferro, também comprada pelos britânicos. (LOPES, 2014, p. 137-138, p. 273- 281).

Logo, com o nazismo ascendendo, as dificuldades de alemães-judeus saírem da Alemanha se tornaram maiores, pois era irrisória a quantia que poderiam levar para a nova terra, então foi pensada uma triangulação que burlava tal exigência: a CTNP, que precisava de trilhos e outros materiais para continuar sua expansão, não recebia diretamente do colono, no Brasil, o dinheiro em troca das terras, mas sim na Alemanha, em uma conta especial. Daí ela comprava lá o material necessário, como trilhos, a ser enviado ao país descoberto por Cabral, e o colono recebia então títulos equivalentes ao valor das terras brasileiras pertencentes aos ingleses. Há referência a esta operação no romance:

– O que fazemos não é um negócio, meu amigo. É um trabalho humanitário realizado através do que chamamos de operação triangular [...] A Alemanha envia aço para a construção da ferrovia à companhia e, como pagamento, garantimos lotes para imigrantes alemães. (LOPES, 2014, p. 396).

Tudo deu certo e a Maria Fumaça chegou em Rolândia no mês de janeiro de 1935. (GROH, 2009, p. 226; SOARES, 2012, p. 169-170; PREFEITURA DE ROLÂNDIA, 2017; LOPES, 2014, p. 205).

Esclareça-se que consulados, embaixadas e organizações que cuidavam dos colonos alemães difundiram a ideologia nacional-socialista no Brasil. Dessa forma, também em Rolândia (principalmente) começaram a surgir grupos pró-nazismo, que,

nas paradas (desfiles), na comemoração do aniversário do Führer (Hitler) e na inauguração da escola alemã, em 1934, exibiam a suástica (MAINKA, 2009, p. 1165; SOARES, 2012, p. 128; OGAWA, 2015; LOPES, 2014, p. 288, p. 329, p. 361). Criou-se, dessa forma, uma certa tensão entre os seguidores dos ideais hitlerianos e os chamados *refugiados*, que vieram fugidos, e faziam parte de aproximadamente 80 famílias, formadas por umas 200 pessoas. Igualmente “sentimentos nacionalistas e antissemitas foram exteriorizados, provocando forte reações e protestos dos elementos de origem judaica”, ainda que não houvesse uma organização comunitária institucional. (SOARES, 2012, p. 31).

Diferentemente de outras regiões do país, em Rolândia, com muitos luteranos e católicos, casamentos mistos e famílias híbridas foram surgindo e não havia uma comunidade religiosa judaica que se reunia e interagia em função da religião e de seus ritos. Essa etnicidade só se manifestava na hora da morte, simbolicamente, quando as sepulturas seguiam padrões judaicos (CASTILHO, 2010, p. 25-27, p. 62-67, p. 71-82; SOARES, 2012, p. 31; GROH, 2009, p. 232). Destacam-se o formato (lápides em monólito ou em placas), a simplicidade arquitetônica, os seixos colocados por parentes na sepultura, a estrela de Davi, a sepultura perpétua e inviolável, o nome de solteira, da mulher (SOARES, 2012, p. 221-238). Também há casos peculiares, com a cruz cristã e o nome judeu, por exemplo, como se pode observar em Rolândia, nos dois cemitérios: na zona rural, o São Rafael, cujo nome é bem adequado, pois ele é o santo protetor dos viajantes (os imigrantes, no caso), quase que exclusivamente judeu. E na zona urbana, o São Pedro.

Assim, episódios narrados por diferentes autores (KRAUSZ, 2015; SOARES, 2012, p. 139, p. 141; GROH, 2009) são replicados por Lopes (2014, p. 329, p. 331), sobre o desejo de perpetuar as tradições e a cultura alemã, como a existência de um *Clube do Livro Alemão* (LOPES, 2014, p. 204, p. 222, p. 224, p. 329, p. 331), em Rolândia, forma de instruir os jovens, difundindo as raízes germânicas. Sabe-se que os imigrantes chegavam com muitos baús: a polícia de Vargas pensava conterem armas, mas, na realidade, eram livros, mais estimados que outros bens materiais. (LOPES, 2014, p. 204). As reuniões com palestras, canto, audições de piano e apresentações teatrais eram bastante valorizadas, sendo que no exílio os alemães se reconheciam pelo cultivo da cultura, da civilidade e da ajuda mútua, segundo depoimento de Max Herman Maier (SOARES, 2012, p. 142; LOPES, 2014, p. 299).

Ficticiamente, na casa de Frau Flöringer havia encontros, saraus, com a presença de conterrâneos, assim como em outras residências (LOPES, 2014, p. 73-74, p. 253, p. 348).

Castilho (2010, p. 61, p. 96), a respeito, coloca que valores considerados europeus eram cultivados, dando origem ao Clube Concórdia, à Escola Alemã e ao Pró-Arte. Por conseguinte, os alemães se reuniam muito mais por questões culturais do que por religiosas, conforme a grande maioria dos moradores de Rolândia, que mantinham silêncio a respeito do nazismo na comunidade. Entretanto uma voz discorda desse “coro dos contentes”: a do senhor Klaus Kaphan, afirmando que o Clube Concórdia era do grupo nazista e que os de pensamento contrário eram do Grupo Pró-Arte. (CASTILHO, 2010, p. 99-100). Logo, havia duas coligações: os germânicos nacionalistas e luteranos (nele se destacando August Nixdorf, espécie de representante do partido nazista na cidade) e os germânicos unidos a católicos e judeus, e não-arianos (mais ligados à cultura). (CASTILHO, 2019, p. 95-99, p. 105-107).

Fica ainda explícita essa valorização cultural, quando surge, nas páginas do romance, o intelectual judeu-alemão Emil Levy, autor do **Petit Dictionnaire Provençal Français** (LOPES, 2014, p. 339), um eminente medievalista e estudioso alemão, membro de um grupo de estudos provençais, mas que, na realidade, nunca veio ao Brasil. Assim é descrita sua residência:

*A casa era escura, o ar estagnado de ambiente fechado. O corredor de acesso ao escritório tinha as paredes forradas com livros. Algumas prateleiras pareciam a ponto de despençar. [...] Os poucos espaços nas paredes que não estavam ocupados com os livros abrigavam um brasão da Universidade de Freiburg [...] Protegidos pelo vidro e pela moldura dourada, dois diplomas de ph.D. das universidades de Heidelberg e de Berlim ocupavam um lugar de destaque. Pilhas de pastas e manuscritos se amontoavam sobre uma máquina de escrever numa escrivaninha de tempo correção (LOPES, 2014, p. 338, grifos nossos).*

Entretanto, quando Getúlio Vargas proíbe manifestações de cidadãos cujos países faziam parte do Eixo, os simpatizantes do nazismo retraem-se, pois corriam o risco de ir para os campos de concentração brasileiros em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, em São Paulo, no Pará, em Pernambuco, em Minas Gerais. (PERAZZO, 2009). Talvez fosse melhor denominá-los de campos de detenção, pois

não havia extermínio, como nos campos nazistas, e em alguns deles os detentos podiam sair para atividades sociais.

## **5 CONCLUINDO: uma tropicalização germânica**

A literatura, com sua liberdade poética, pode expor fatos dolorosos, muitas vezes desconhecidos ou olvidados, testemunhando sobre aquilo que o discurso oficial prefere silenciar ou ainda quer fazer passar por verdadeiro, via excessivas afirmações, o que é falso. Essa é sua relevância e, em especial, a do romance de extração histórica, o qual descontrói, muitas vezes pela paródia, pela problematização dos intertextos (caso do livro de Rodrigo Garcia Lopes), algo sacralizado pela história e por relatos que se construíram pelo senso comum, por se “ouvir contar”, ou por interesses escusos, geralmente expressos pela voz que está no poder.

Por isso é interessante o dialogismo entre diferentes discursos, articulando-os, analisando-os, expondo suas particularidades, posto que isso torna instigante a busca pela realidade, pela compreensão do passado. O literário é, pois, uma visão multifacetada, nem melhor nem pior que o histórico, apenas diferente, conduzindo à reflexão e à crítica.

Assim é que Primo Levi (2016, p. 131), ao se pronunciar sobre Auschwitz e outros *larger* e o que se produziu a respeito, afirma que a combinação de “diários ou memórias de deportados”, “obras sociológicas e históricas” e “elaborações literárias” conduzem a uma visão mais complexa, poliédrica, que permite uma melhor elaboração a respeito do acontecido. Nesse sentido é que se realizou a presente investigação sobre Rolândia, seus alemães, e a Companhia de Terras Norte de Paraná, buscando-se estabelecer um cotejo entre a historiografia e o romance **O trovador**. E o que se descobriu é muito interessante: que além do já exposto, da questão da colonização (muito mais uma exploração), “do lado de baixo do Equador”, mais precisamente em Rolândia, nada foi muito rígido como em outros lugares, pois nem o nazismo nem os preceitos judaicos foram seguidos tão à risca, talvez numa *tropicalização*, apropriando-me de Dietrich (apud HAAG, 2007), que, se não foi tão harmoniosa, também não foi tão catastrófica.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Roberto Nunes de; BARBOSA, Túlio. **Geografia Ensino & Pesquisa**. Universidade Federal de Santa Maria, RS, v. 17, n. 2 p. 19-36, set./dez. 2013.

BORTOLOTTI, João Baptista. **Planejar é preciso**: memórias do planejamento urbano de Londrina. Londrina: Midiograf, 2007.

CASTILHO, Marcos Ursi Corrêa de. **Entre dois mundos**: etnicidade, identidade e finitude entre os refugiados da Shoah em Rolândia- PR a partir da década de 1930. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Estadual de Londrina (UEL).

CHIES, Cláudia; YOKOO, Sandra Carbonera. Colonização do norte paranaense: avanço da cafeicultura e problemas decorrentes deste processo. **Revista GEOMAE - Geografia, Meio Ambiente e Ensino**. Campo Mourão, PR. Vol. 03, nº 01, p. 27-44, 1º SEM/2012.

DEUTSCHE BANK. **Deutsche Bank. Brasil** – Histórico. Disponível em: <<https://www.db.com/brazil/pt/content/Historico.html>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

DIETRICH, Ana Maria. In: HAAG, Carlos. Entre a feijoada e o chucrute. **Revista Pesquisa Fapesp**, ed. 140, outubro, 2007. Disponível em:

<<http://revistapesquisa.fapesp.br/2007/10/01/entre-a-feijoada-e-o-chucrute/Hans>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

GROH, Thiago. A constituição da etnicidade judaica em Rolândia. In: LEWIN, Helena (Coord.). **Judaísmo e modernidade**: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 223-233. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/ztp5/pdf/lewin-9788579820168.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HAAG, Carlos. Entre a feijoada e o chucrute. **Revista Pesquisa Fapesp**, ed. 140, outubro, 2007. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2007/10/01/entre-a-feijoada-e-o-chucrute/Hans>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo**: história, teoria e ficção. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ESTEVES, Antonio Roberto. **O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FISCHER, Güdrun. **Abrigo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p. 40-41. In: PINCELLI, Handrea Miranda de Paiva. **Fugindo do antissemitismo**: judias alemãs em Rolândia. 2013, p. 17. PORTAL Dia a dia educação – Governo do Paraná. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1485-8.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.



## DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Volume 11, n.1 (2017) - ISSN 2175-3687

LEVI, Primo. **Os afogados e os sobreviventes**: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades. 3. ed. Trad. Luiz Sérgio Henriques. São Paulo: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LOPES, Rodrigo Garcia. **O trovador**. São Paulo: Record, 2014.

MAINKA, Peter Johann. Rolândia no norte do Paraná (1932-1945) – uma colônia alemã entre Hitler e Vargas. **Anais. Congresso Internacional de História**. UEM, setembro 2009, p. 1157-1170. Disponível em: <<http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/798.pdf>>. Acesso: 23 ago. 2016.

OGAWA, Vítor. História esquecida- suástica no norte do Paraná. **Folha de Londrina**. 13/11/2015. Disponível em: <<http://pioneirosderolandia.blogspot.com.br/2015/11/judeus-e-nazistas-em-rolandia-no-tempo.html>>. Acesso em: 10 maio 2017.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Prisioneiros da guerra**: os “súditos do eixo” nos campos de concentração brasileiros (1942-1945). São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Fapesp, 2009.

PREFEITURA DE ROLÂNDIA. **História**. Disponível em: <[http://www.rolandia.pr.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=199&Itemid=75](http://www.rolandia.pr.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=199&Itemid=75)>. Acesso em: 10 fev. 2017.

RAGUZA, Helena. Relatos de um refugiado em meio à mata: os cadernos de memória de Michael Traumann (Rolândia 1930-1945). **VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional, XX Semana de História**. 2015. p. 2931-2941.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase & cia**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2003.

SS BRIG FHR. **Kurt-Peter Müller Dr Med**. PDF. Disponível em: <<https://forum.axishistory.com/viewtopic.php?t=165390>>. Acesso: 16 abr. 2017.

SOARES, Marco Antonio Neves. **Da Alemanha aos trópicos**: identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003). Londrina: EDUEL, 2012.

TOMAZI, Nelson Dacio. **“Norte do Paraná”**: discursos e fantasmagorias. 1997. 342p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1997.